

ECOS DE CACIA

Semanario bairrista independente defensor dos interesses da Região do Vouga

Director Administrador e proprietario

José Marques Damião

Composto e Impresso na Tipografia Caciense

Redação e Administração—RUA DA PAZ—QUINTÃ

Editor responsavel

Abilio de Carvalho

Esclarecendo e justificando

Desde que me vieram mostrar aquele numero de O Jornal de Cacia que me levou a escrever o artigo "Quem julga os outros por si" e a endereça-lo ao Sr. Director do Ecos de Cacia com pedido de publicação sem que eu tivesse a honra de o conhecer, como ainda hoje a não tenho, artigo esse a que se dignou dar publicidade na primeira pagina do seu muito conceituado semanario, revelando assim uma deferencia de que é meu credor, (embora tenha que dizer de passagem que o menos cuidado da revisão deu logar a que apparecesse com umas pequenas deficiencias), tenho-me esforçado por conhecer sob todos os pontos de vista o Sr. Director de O Jornal de Cacia para assim poder aquilatar bem Sua Excelência e consequentemente o seu jornal. E' claro que, depois que vi a estulta comparação que esse jornal fez do azeiteiro de Cacia assemelhando-o vantajosamente a albarda de qualquer burro e que, para maior relevo do cr. ticism, apresentava a fotografia do edificio, fiquei logo fazendo o meu conceito de Sua Excelência e do seu jornal. Mas como as apparencias muitas vezes iludem e o errar seja proprio do homem, para que não podesse vir a ser menos justo no futuro, não abandonei a vontade que me assistia de conhecer bem Sua Excelência.

Vivendo longe como vivo de Cacia, terra que apenas conheço de passagem no comboio e onde nem sequer conto conhecimento algum, era palpavel a grande dificuldade que se me d'parava de ver realisar o meu intento, mas sempre que se me proporcionava ensejo, não deixava de procurar saber quem era o Sr. Director de O Jornal de Cacia mas todos os meus esforços vinham sendo improficuos. Continuava assim mantendo o meu conceito de principio quando em 13 do corrente, se não estou em erro, me vieram mostrar novamente O Jornal de Cacia. A primeira impressão que tive logo que o vi, foi que me vinham mostrar qualquer explicação

ao asinino paralelo que havia feito, pois o bom senso quando existe aconselha sempre que se emende o que se erra quando é apontado, ou ainda quaisquer reparos ao meu artigo, mas afinal enganei-me. Dessa vez vieram mostrar-me simplesmente o "Diz-se" desse jornal mas um Diz-se inteiramente chulo nojentto, insensato e duma infelicidade tão grande, tão grande, que confessa claramente sentir-se albardado e ainda dar pelos nomes de "Queixinho de Rabeca" e de "Grigoiro das Cangalhas", quando não era essa intenção, como está ao alcance de todos. Ora eu que apenas tinha pretendido pôr os pontos nos i i i sobre a afronta que era manifesta ao pessoal de estação da C. P. fiquei surpreendido e, se até ali tinha uma impressão má, com peor impressão fiquei. Aproveitei a deixa e escrevi o artigo "Como albardei um burro" que enviei ao Sr. Director do Ecos de Cacia e se dignou publicar em 13 do corrente (artigo que appareceu bastante inutilizado e ao qual espero a devida rectificação) não só para mostrar ao Sr. Director de O Jornal de Cacia que eu havia albardado sem intenção de o querer fazer mas também para lhe fazer sentir até onde chegava a infelicidade do seu "Diz-se" como quem dá um conselho. Julguei assim que reconsiderasse e viesse a emendar a mão mas qual o meu espanto quando me apparecem ha dias a mostrar novamente O Jornal de Cacia no seu artigo "Ora, Pois!..." e no seu "Diz-se"! E digo que me causou espanto porque voltava mais uma vez a vir demonstrar claramente a propensão que tem de se confundir, julgando por si os outros, o que equivale a julgar-se a si proprio, quando é certo que foi avisado e que na primeira qualquer caí e na segunda só caí quem quere.

Tinha já feito um artigo para mandar novamente para o Ecos de Cacia a demonstrar que, apesar de ha muito já lhe terem tirado as cangalhas, a cabeça com os respectivos antolhos e a fava, Sua Excelência não deixava ainda de sentir no

dorso as cangalhas em que outróra transportava o pão na venda ambulante do seu antigo dono, não deixava ainda de ver em tudo o antigo gamelo em que lhe davam a fava, (uma confirmação mais ao ditado "o habito é que faz o monge"); que se gamelo tolerado ha na sua freguezia só o seu podia ser; novamente a sua inercencia, já que mesmo sem os antolhos não soube ver nem pode digerir o que tinha lido; que a parelha de azêmolhas, azêmelas ou de azêmulas que havia a embriar só era a ele e ao escriba do artigo, etc., etc., quando encontro por mero acaso um comerciante, amigo de largos anos com quem vou jantar. A proposito de uma conversa que tivemos, conto-lhe o que se ia dando com O Jornal de Cacia, o que havia já escrito e manifesto-lhe a vontade que tinha de conhecer e bem o Sr. Director desse jornal, quando no fim me diz: Logo vi, pelo que acabaste de me contar, que não o conhecias; em caso contrario estou certo que não lhe terias respondido, atenta a tua forma de pensar. Então porque, tu conhece-lo? Conheço-o bem. Eu, que estava ávido de saber quem era Sua Excelência, já não larguei o meu amigo enquanto não me disse tudo quanto sabia. Depois de me fazer a sua desc. ição e contar varias coisas, que vinham confirmar o meu conceito, acaba por me dizer: E para rematar digo-te que Sua Excelência, como tu dizes, é filho da mãe do Pai Avô. Não tendo percebido nada, peço que me explique e ele então conta me a historia, que na verdade é uma grande historia, asseverando-me que é conhecido por aquele nome, não só em Cacia mas também nas circunvizinhanças, o irmão de Sua Excelência.

Depois que fui para o meu quarto, comeci a pensar na historia e, aborrecido e arreliado como estava de só tarde a conhecer, rasguei o artigo que já tinha pronto para mandar e deitei-me. Mas o sono não vinha e do pensamento não me saia a historia. E se por um lado entendia que não devia responder ao filho da mãe do Pai Avô, por outro lado lembrava-me que esse meu gesto podia ser tomado como

cobardia, visto que tinha feito já o artigo anterior, o que também não queria de forma alguma. Neste dilema por bastante tempo, acabei por tomar a resolução de fazer novo artigo, este que agora estou escrevendo, em que desse uma idéa rucinta daquelle que já tinha feito e rasguei e justificasse a decisão que tomei, a razão porque não o mandei para o Ecos de Cacia dar publicidade.

Quanto á primeira parte, creio que já a deixo feita e por consequencia vou occupar-só da segunda.

E' minha velha norma, norma de sempre, tomar as coisas conforme de onde partem; isto é, dar-lhe o merecimento proporcionalmente á origem, tendo bem em atençaõ a categoria, o criterio e a moral que assiste a quem as diz ou pratica. E é assim que, se a uns dou reputação, a outros dou o desprezo. Por consequencia, logo que tive conhecimento perfeito de que Sua Excelência era filho da mãe do Pai Avô, etc., etc., não estava dentro dos meus principios responder

Crente de que deixo bem esclarecida e justificada a minha resolução e ficando as conclusões no arbitrio daqueles que lerem o artigo, apenas me resta agradecer ao Sr. Director do Ecos de Cacia as deferencias que se tem dignado dispensar-me.

Avanca, 21-1-31

Un ferrovial

O Progreso de Cacia

Como já tivemos occasião de dizer, vamos ter muito breve uma fabrica de Serração e Moagem aqui entre nós: para a qual comecaram a fazer o devido edificio a onde a mesma será instalada. Dizem-nos que fazem parte da mesma homens de certo capital.

Avante pois, pelo progresso de Cacia.

O selo anti-tuberculoso

Se quereis defender a vida de vossos filhos, auxiliai a luta contra a tuberculose, afixando na correspondência o selo anti-tuberculoso, á venda em varias casas comerciais

Reparos

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES E AS COLONIAS

O novo funcionamento do aréopago de Genebra pela reunião de uma imensidade de ministros de negócios estrangeiros e delegados de varias nações, avisou-me a lembrança de que, numa das reuniões do quadrimestre transacto do Conselho da Sociedade das Nações, foi debatida a questão colonial.

Nunca o preto da Africa e o pardo da Oceania foram tão lembrados e discutidos por gente de tão alta categoria como então.

E tantas prerrogativas lhes estavam para ser concedidas, especialmente pelos delegados de nações não coloniais, que eu cheguei por momentos a ver os cofres africanos e os malaios da Polinésia, a usar calçado de polimento, casaca, chapéu alto, luvas, charuto superfino, monóculo em riste, imediatamente possuidos da civilização correlativa, e até... a mudarem de cor para autenticos brancos.

E ainda mais: cheguei também por momentos a julgar que o nosso pretinho de Africa, mandrião e apático, era o ente mais feliz do mundo, pois que usando tanga, emendo *infunde* e cheirando mal, lograva uma tal consideração e um tal carinho, de que muito branco, perfumado e de gravata ao pescoco, se não podia basofiar.

Mas três nações coloniais presentindo e medindo o alcance de tanta magnanimidade e de tanta filantropia, arrebitaram as orelhas e zás... refilaram.

—«Não senhor! diziam elas. O indigena já está, pelas disposições da nossa legislação colonial, em pé de igualdade com o branco; por isso não achamos oportuno que lhe sejam dadas mais regalias, e muito menos a applicação de qualquer espécie de *control*: tutelar, extrenho, ao modo como é tratado por nós. Nós somos competentes para fiscalizarmos e aplicarmos a lei quando for necessário.»

E assim a França, a Bélgica e Portugal atiraram com os projectos por água abaixo.

Ora, no meio de tudo isto, a que eu achei mais engraçado, —e nisto estão os meus reparos,—foi:

1.º— que, sendo a Inglaterra, —a primeira nação colonial, —uma das que aprovaram o projecto tutelar do indigena, viesse cá a prouco um dos seus vice-reis coloniais (o da India) dizer que achava inoportuna a applicação das clausulas desse projecto aos seus governado.

2.º— que o mesmo projecto fôsse sugerido, apresentando, discutido e impingido por delegados de nações que não possuem um pulmo de terra fora da Europa,

portanto de nações não colónias e como tal, sem experiencia alguma colonial.

E então, a par do meu juizo sobre os intuitos reservados do projecto que, pelo nosso glorioso Gago Coutinho, na sessão solene de 23 do corrente na Sociedade de Geografia, foram considerados como «certas impertinentes intervenções de oradores fluentes que nunca viram a África,—a não ser de bordo de cómodos vapores, ou talvez só no cinema, sentados em confortáveis poltronas,—acudiu ao meu pensamento aquela frase muito vulgar entre nós:

—«Ora esta! Então agueles senhores não queriam ensinar o Padre Nosso ao Vigário?»

25-1-931

D. Nuno

Ao cronista do jornal de Cacia secção Diz-se

Sob esta epigrafe, acabo de ler no ultimo numero do Ecos de Cacia um interessante artigo do Sr. Argus, pessoa que não tenho a honra de conhecer, do qual depreendo que, esse senhor, tendo escrito qualquer artigo em que fazia referencia aos grandes de musica Wagner, Meyerber e Rossini e ao de pintara Velasquez, por erro de composição e menos cuidado na revisão, appareceu a publico com um bem bom numero de erros ou gralhas, (como lhe queiram chamar) mas que o cronista da secção Diz-se do jornal de Cacia, que apenas conseguiu ver em tautas uma só, *Wagner*, foi logo para a sua folha maleolamente insinuar que se tratava de um erro do autografo.

Mostra-se assim bastante surpreendido o Sr. Argus e recomenda ao cronista que ponha uns olhos para ficar a ver bem, não só para poder ver sodas as gralhas do seu artigo em questão e que lhe aponta, mas também a correspondencia que lhe mandam e estropia, aconselhando-lhe ao mesmo tempo que não atire pedras aos telhados dos vizinhos porque os seus também são de vidro. Daqui se conclue claramente que o Sr. Argus não conhece o celebre cronista nem tão pouco dele faz uma pequena idea sequer, pois em caso contrario não seria tão injusto como é para com ele no seu artigo a que me estou reportando.

Na verdade, também não conheço pessoalmente esse celebre cronista que não dignifica ninguém, nem nisso suinto deslouro algum, mas conheço-o pelo muito que tenho visto nas columnas do Ecos de Cacia a seu respeito, semanario que tenho lido por deferencia de um meu amigo seu assinante, e ainda por varias referencias que tenho ouvido fazerem-lhe pessoas de reconhecida idoneidade. Segundo as descrições que tenho lido nesse semanario, o celebre cronista é o urso da universidade de Cacilhas, antigo burro de um padeiro santareno, ao qual tiraram as cangalhas em que transportava o pão, metendo-lhe nas unhas grossa pena das Caldas para escrever a secção Diz-se e que, segundo o artigo «Como albardei um burro» de Um ferrovial, que foi publicado no Ecos de Cacia de 18 do cor-

rente, dá esse burro também pelos nomes de *Queixinho de Rebeca e Grigoiro das Cangalhas*, segundo ele, cronista, declarou no zurrar do seu Diz-se, como no mesmo artigo afirmou e demonstrou claramente.

Segundo a opinião do «Um ferrovial» nesse artigo, advinha-lhe o primeiro desses nomes de ter sido em tempos de um cego que tocava rebeca juntamente com o guia. E como certamente ouviu muitas e muitas vezes falar nas musicas de Wagner, assim se explica que só tenha embicaco com Wagner, julgando-se ainda sob o peso do pobre cego, que teria de o aguentar parado algum quarto de hora, enquanto se toca-se.

Depois do que disse já como poderia o cronista celebre notar e distinguir os erros de composição que appareceram no artigo do Sr. Argus? Oculos para tal cronista só verdes, não para poder ver gralhas de imprensa mas sim palha por erva.

Que cronicas podem ser o zurrar do Diz-se de um burro?

De que poderão servir conselhos a uma besta de carga animal dos mais teimosos?

Não lhe parece, Sr. Argus que depois destas breves explicações, foi menos justo para com a benevolencia das suas palavras? Creio bem que sim.

Podia ainda dizer muito mas como não desejo pela primeira vez roudar demasiado espaço ao Ecos de Cacia, vou terminar pedindo ao Sr. Argus que me saiba desculpar a minha abelhudice.

Espinho, 27-1-031

Leonam Senum

Nova Firma

Acaba de ser trespassada a Padaria que gira sobre a firma de Manuel Lourenço Costa, nas Quintas, para a firma de Joaquim Rodrigues da Cunha, aquele de Cacia, e este de Sarrasola; ambos eles nossos assinantes,

Aqui enderaçamos as nossas felicitações ao nosso bom amigo Cunha, desejando-lhe um porvir de felicidades com a sua nova Padaria.

PEDIMOS

Aos srs. assinantes que quando haja uma transferencia de morada, nos avisem por um simples postal indicando-nos sempre o seu N.º para assim nunca deixarem de receber os *Ecos de Cacia* integralmente.

Egualmente pedimos a todos, para que cada assinante consiga outro, no que dá uma prova de amigo dos *Ecos de Cacia*, e desta terra, o que muito agradece-mos.

O director deste semanario interessa-se por conseguir um correspondente em cada freguesia circunvizinha.

Roubo em Cacia

No domingo p. p. pelas 23 horas, ja quando toda a população se encontrava em silencio caminhava pela Rua 31 de Janeiro uma mulher que transportava á cabeça uma certa trouxa, cuja chamou muito atenção de José Antonio dos Santos, que a essa hora se dirigia para sua casa para assim descansar das fadigas que durate a semana tem.

José Antonio dos Santos, que se aproximou da referida mulher, de que acabava de desconfiar, pergunta-lhe: Donde vem V. e para onde segue?

A desconhecida que se via abeirada de um homem, tratou logo refugiar a cara para não ser vista, mas as suspeitas do nosso *Gaudencio*, que pucha de um fosforo desde logo viu que se tratava de uma mulher que dava pelo nome de Maria, cuja esteve apenas dois dias como criada de servir em casa do sr. João Simões Carrelo, «ex-regedor», respondeu que se dirigia para Estarreja, e que vinha de Cacia, neste vai e bem aproximaram-se mais dois homens, o Joaquim Sapateiro, e um Ferroviarrio, que fizeram arrear o suspeito volume a Maria, passando-lhe o visto viram logo que se tratava dum valente Roubo; praticado ao seu amo de dois dias; os trez obrigaram a gatuna a seguir deante dos mesmos para casa do roubado, cujo se encontrava descansando, levantou-se este verificado o roubo, viu-se que a gatuna levava 56\$00, 14 lençoes, travesseiras, travesseiros, camisas, serolas, toalhas, guarda-napos, um vestido, um chapéu, uns sapatos, etc, etc.

Dado o alarme juntou-se muita gente, sendo chamado o Regedor este por sua vez convidou 4 mulheres que n'um quarto do roubado lhe passaram uma revista, sendo-lhe nessa altura ainda encontradas duas *Chourças* cujas suspensões em sitio que nós ocultamos.

A gatuna resistio contra a autoridade, que estava na boa disposição de a mandar em paz em virtude do roubo estar ali todo presente; mas em virtude dessa resistencia foi a mesma conduzida para Aveiro, a onde se encontra a parte que lhe diz respeito.

Deve-se o evitamento deste roubo a um mero acaso de o nosso *Gaudencio* apparecer ali aquella hora, caso contrario ahi andaria a nossa autoridade na pista da Maria.

Aqui chamamos muito atenção de todos os nossos conterraneos para todos os desconhecidos, que constantemente invadem as Ruas de Cacia.

A lerta conterraneos.

Entendemos por justica que devia ser gratificado o nosso «Gaudencio» pela habilidade que teve.

Avisamos

os nossos colaboradores de que toda a correspondencia com destino a publicação, deve, ser-nos entregue até ao sabado, caso contrario, fica retardada para o n.º seguinte.

Ficam alguns escritos por nos chegarem tarde, e outros que ainda hoje não tiveram vez; mas tudo há-de vir a lume.

Que nos desculpem os seus auto-es.

A Redacção

Recomendação que não recomenda

Vemo Jornal de Cacia quasi ha um mês a recomendar a farmacia de Angeja para o aviamento de toda a especie de receituario e absoluta confiança no mesmo, quando a verdade é que, para nossa infelicidade, a referida farmacia se encontra fechada desde muito antes dessa recomendação se começar a fazer. No tempo em que essa farmacia esteve aberta seguidamente ao Sr. Ribeiro, litou sempre com bastantes faltas, mesmo das coisas mais vulgares, pois até chegou a não ter algodão em rama. É a comprovar o que acabo de dizer, encontra-se aqui duzias de pessoas que, tendo a farmacia aberta ao pé da porta, se viram na necessidade de recorrer á farmacia de Cacia para assim conseguirem que as suas receitas fossem aviadas, como também me aconteceu.

Ora sendo esta a verdade, só se pode compreender que tal recomendação apenas é feita no Jornal de Cacia por sua alta recreação mas malevolamente, pois não é concebível que esse farmaceutico tenha mandado fazer tal recomendação depois de ter fechado as portas e haver retirado para Coimbra no firme proposito de não voltar a abri-las.

Até ha poucotempo ainda, O Jornal de Cacia trazia naquele mesmo sitio um reclame da farmacia de Cacia e como certamente o suspendeu, visto que alguns numeros appareceram com o mesmo espaço em branco, para vingança mesquinha pois não se pode depreender outra coisa, tratou de ocupar o espaço com quella molevola recomendação.

Se bem que a vingança seja sempre um gesto que só revela o mau character e define bem quem a pratica, o que se torna grave neste caso são as consequências que podem resultar dessa falsa recomendação. Ainda não ha muito tempo que eu vi chegar um rapaz todo afogado e cansado á porta da recomendada farmacia, com uma receita na mão, e ficar espantado a olhar para as portas fechadas. E dizendo-lhe que a farmacia estava fechada ha muito tempo já, desesperado, foi dizendo que, se não fosse o fiar-se nas patranhas do jornal do Velho Cão de Guarda, tinha ido á farmacia de Cacia e já estaria em Taboeira com o remedio, e lá foi resmungando sempre. Como aconteceu este caso que presenciéi, podem-se ter dado muitos outros e não ha o direito de se andar assim a enganar uns e outros, tanto mais que, podendo tratar-se de um medicamento de applicação urgente, as perdas de tempo podem acarretar consequências muito e graves, e tão serias e graves que podem até ocasionar a morte. E se não ha o direito de se andar malevolamente a enganar uns e outros, muito menos ainda neste caso que implica com a vida de cada um.

Consta que vai abrir com outro farmaceutico a farmacia da terra e oxalá que assim seja, pois fiz muita falta, tanto mais que anda por cá a senhora gripe. Depois de aberta, faça quantos reclamos desejar.

Angeja, 10 de Janeiro de 1931

Lapela Ocirema

Visado pela comissão de censura

À Margem...

Beijos!!!

Por um beijo fazem-se sacrificios, por um dá-se a Vida! Desde todos os tempos se soube apreciar um beijo; pode andar-se uma hora, um dia, um ano atraz d'um beijo, mas quanto maior for o tempo que se espera, quanto mais difficiloso se torna esse facto, maior é o prazer, melhor o seu sabor.

Um beijo, uma vulgaridade uma coisa tam antiga, mas sempre tam viçosa e desejada, recorda a intinidade, a benquerença mutua, e... o Amor!

Que belos motivos para quadros magestosos não haveria, quando, pela calada da noite. Ele deixa cair seus lábios sobre os d'Elá n'um a apothéose final, que a propria luz do luar até aqui tam forte a fazer refulgir a scena, se refugia envergonhada, encoberta pelas nuvens.

Beijos... bagos d'uvas pendentes, os quais contem o melhor dos licores, saído das fontes culturais de desejos, são também as mais lindas canções, que as ouvirmos toda uma Vida! Uma canção de beijos, é a cópia fiel dos alegres passarinhos... chilreando.

Uma boca perfumada de mulher, é sempre um alvo cebedor de setas, lançadas por uma outra boca amante.

Um sorriso, uma frase melodiosa como guarda-avanzada d'um beijo, e ao unirem-se as bocas as almas ficam irmanadas e bem acésas, pelo calor produzido pela junção d'essas bocas!

E é por isso que... Por um beijo fazem-se sacrificios, por um beijo dá-se a Vida!

Porto, Jan.º de 1931.

Carlos Reis

AVISO

PARA COBRANÇA

Vimos avisar todos os nossos assinantes de que vamos começar a fazer a cobrança do 1.º semestre a todos quantos ainda o não fizeram pessoalmente razão porque aqui pedimos para que nos enviem as suas importancias em «vale» ou carta registada evitando como todos sabem o aumento de 1 escudo, para despezas de cobrança por intermedio do correo.

A alguns que já nos pagaram, aqui viemos agradecer muito penhorcadamente.

A todos os nosso bons amigos pedimos a sua atenção, porque, como sabem, um jornal a principiar como o nosso precisa d'uma certa protecção, demis quando ele é pobre.

A todos quantos pertencem á familia do ECOS DE CACIA, nós pedimos, pois a sua atenção, para que assim possamos arcar com as grandes despezas que uma empresa destas acarreta.

Avisamos

os nossos conterraneos e não conterraneos a quem tomamos a liberdade de enviar os ECOS DE CACIA que caso não o devolvam, os consideramos assinantes.

Ao caro Director

Não sei como estrear-me nos seus simpáticos "Ecos". Em primeiro de tudo é necessario engenho e um certo numero de conhecimentos literarios para se escrever para jornais; adquiridos em estudos primorosos nas nossas Universidades, ou já sofrivelmente, nos nossos tambem Liceus Centrais; para que os leitores cultos que os há nesta terra não se enojem ao abrirem a folha do seu periodico, e, ao depararem na local do meu noticiario uma coisa desprezível. E' isso que receio e me contrista até ao fundo da minha alma, mas como o amigo Director, insista comigo terrazmente para lhe enviar noticias, vou principiar, para ser o alvo de todas...

O HOMEM

Das comparações albardadas

Tenho lido com bastante pesar no "Jornal de Cacia" as insenuações á estetica do apadeiro de Cacia. Aprasme dizer ao albardado que não é belo nem proprio d'homem desdenhar da casa que serve de apeadeiro, na qual algumas dezenas de vezes tem entrado e perdido o seu bocadinho de tempo ao cavaco seja possivel conceder na mente semelhante desqualificativo, e apelidala ao seu sabão, perdão, ao seu sabôr, e tambem assim da forma errônea com que o faz. Porquanto foi um politico "Falta cotação" nos meios politicos e tambem assim da na certa influencia nos meios administrativos da companhia C. P.

Por consequencia tendo ponderancia na companhia, porque é que não tem feito as "demarches" junto da C. P. para elevar desta triste casa albar-la-la que serve de apeadeiro a este povo e seus circunvizinhos a um edificio que embora modesto se compare com o movimento que tem o valor da localidade!!!

Assim é que está certo.

O que será que faz falar o homem das comparações albardadas?

Porventura será dôr de cotovelo, quereiu bem que sim.

Porque ouço uma voz interior dizer-me, que o idealista albardado outro tempo, não ha muito, fez as necessarias "demarches" junto das entidades competentes com o fim de elevar o apeadeiro de Cacia á Categoria de Estação.

Perguntamos: e porque não o conseguiu?

Porque a albarda que usa em vez de palha é cheia de vaidade e essa vaidade é muitas vezes a perdição do homem, que abastecido de

aspira a ascender aos pin-caros; pontos mais altos,—tamanha subida tamanha queda—para a descida ao abismo fantastico ser um verdadeiro estrondo vulcanico com as suas labaredas sinistras, vistas ao de longe, se nos depare á vista desfazendo-se em pó e cinza avermelhados tal e pual como as ideias d'esse idealista albardado. Porque se não fôsse essa vaidade construída em palacios sumptuosos alá-minut, para e derruir tambem no mesmo espaço de tempo.

Então sim, outro galo despido da albarda cantaria; quero dizer se o homem fôsse despido do manto da vaidade e da erronea, unindo-se á pessoa de destaque d'esta freguezia, teria conseguido um dos maiores melhoramentos a que esta terra tem juz—estamos certos d'isso...

Vilariño-Casa em Aveiro. Janeiro 1931

Lostede

As Ruas em Cacia

Até que fomos ouvidos por quem de direito o deviamos ter sido.

Até que enfim, lá se andam empregando uma pequenissima Cota que restou de todas as Ruas já reparadas, na Rua Vasco da Gama, cuja necessidade aqui tanto temos apelado.

Dissemos, por mais de que uma vez que a Rua Vasco da Gama, estava num caos, o seu transito era interrompido por vezes devido aos grandes lamassais que a mesma pessua. Pois que requeira obras: e elas ahí estao.

Estamos por certo que sua Ex.^a o autor destas obras não deixará de apelar para a completar a reparação da mesma Rua; já mais sendo ela uma das que dá endereço ao centro de Cacia.

Bem haja para que sua Ex.^a o illustre filho de Cacia sr. Conselheiro Nunes da Silva, empregue todos os meios ao alcance de sua Ex.^a para completar a obra que a referida rua igualmente tem juz.

Temos perante um postal de um desnaturado de Cacia, cujo nos faz uns reparos, pelo facto de nós aqui tratarmos dos melhoramentos, taes como todas as ruas de Cacia.

Desnaturados destes, que não reparam para a sua... Temos alguns aqui.

Disseram-nos que uma vez os serviços terminados na Rua Vasco da Gama, vão começar na devida reparação, a Rua Candido dos Reis, do que igualmente esta intransitavel, encontrando-se já para essa reparação inumerosissimos montes de pedra em toda a sua estenção. Aqui falaremos.

Mercado semanal d'Estarreja

Milho b. nacional (20,l)	14\$00
Trigo	26\$00
Centeio	17\$00
Feijão branco	26\$00
Feijão amarelo	20\$07
" mistura	16\$00
" larangeiro	28\$00
" trade	16\$00
Ovos (duzia)	4\$60

SECÇÃO LITERARIA

Seu lindo nome

(A' Prazeres de Azevêdo)

*Prazeres! Como és formosa
Com teus olhos, tentadores;
Na tentação!... dominas a rósa,
Como és rainha das flores*

*Esse teu sorrizo brejeiro,
Esses teus lábios macados,
Queria eu ser um feiteceiro
Para os não deixar socegados.*

*Quantos entes deslumbrados
Não se arrastam sem cessar,
Em volta de ti coitados!...
Na ância dum terno olhar?*

*E no meio dessas grsças,
Um nome tão sedutor...
Prazeres! Por Deus não faças
Enlouquecer-me de Amor.*

*E meus labios do resá-lo,
Sentem um prazer infindo!...
Para mim é dôce regálo,
Invulgar nome tão lindo*

Esgueira, 25-1-931

AMERICO RAMALHO

COMBOIOS

Os apeadeiros entre Aveiro e Campanhã passam a ter comboios rapidos.

No apeadeiro da C. P. e em alguns locais da freguesia fixado um aviso que diz o seguinte:

AVISO

A partir de 5 de Fevereiro de 1931 os comboios Ordinarios tem apenas meio minuto de paragem nas estações e apeadeiros situados entre Aveiro e Campanhã.

Pede-se por isso aos Srs. passageiros q'ra que., no seu proprio interesse, embarquem nas carruagens com toda a rapidez.

Este grande melhoramento da C. P. facilita muito o publico na parte que diz respeito aos comerciantes que geralmente tem bastas viagens ao Porto, e uma demora de 2 horas e meia de Comboio como é de Cacia a S. Bento, torna-se massador, no entanto, os comboios Ordinarios devem dar tempo a que os passageiros subam e desçam normalmente visto ser os comboios que mais servem o povo de campo que não viaja diariamente e porisso pouco habituados á rapidez.

Na linha do Minho por exemplo: temos Ordinarios que fazem o tráfico entre Braga e Porto mais rapido que o directo, mas temos na mesma linha Ordinarios que demoram o suficiente para o momento normal dos apeadeiros.

O que é possivel que desse resultado, era seguir o exemplo da Carris do Porto, o embarque por um lado e o desembarque por o outro, visto as novas carruagens terem duas plataformas.

Por exemplo: embarque pelo lado da maquina, desembarque pelo lado da cauda.

Preço de Assinatura dos "ECOS DE CACIA"

Pagamento adiantado e na administração

Ano, serie de 50 N.º	20\$00
Semestre, serie de 25 N.º	10\$00
Estrangeiro, ano 50 N.º	50\$00
Brazil e Colonias	30\$00

Anuncios cada linha, \$50

Permanentes contrato especial

Quando tenhamos de fazer a cobrança pelo correio seremos forçados a incluir as despesas.

Futuro enlace

A' hora que o nosso Jornal entrava na maquina esta-se realisando o casamento do nosso bom amigo e assinante sr. Manuel Augusto Dias d'Oliveira, com a simpatica menina Victoria Dias Preirinha; ambos deste lugar.

Aqui felicitamos os noivos, desejando-lhes um porvir de felicidades do que ambos são dignos. Surpresas destas aparecem poucas.

Egualmente deve realisarse no dia 8 do corrente o enlace matrimonial do nosso bom amigo sr. Ventura Nunes de Basto mui digno industrial na Praia de Nazaré, com a simpatica menina Albertina Nunes de Pinho.

Desde já aqui felicitamos os noivos.

Correspondencia

MATADUÇOS, ALUMIEIRA 13-1-931 (Atrazada)

—A nossa Junta, segundo nas informacões; esta pertende levar a efeito, o alargamento de o Cemiterio visto este campo ser já pequeno para o movimento do mesmo.

E' pena que a mesma junta não tivesse a lembrança de enves de o alargar, se lembrasse em colher donativos por todos os fogos da freguezia, pois em 6, o 7, mil habitantes que nesta regidem se todos contribuissem só com 1\$00 escudo eram seis ou sete mil escudos, que podiam comprar um bocado de terra e construir-se um novo cemiterio, mas distante da povoação a titulo do que se tem feito nas outras localidades:

Pois este campo ali, não é permitido, pela lei, e pela higiene. Era pois um melhoramento altruista; mas o povo da nossa freguezia tem pouca coragem!!

Creio mesmo, que alguém pence, esta ideia desacertada, mas, mais desacertada é, ali, o campo sagrado onde repouzam os nossos entes queridos, que tantas dores e tantas lagrimas se derramão ao separarmos de nós, para nos dias de festa ali tudo esquecer, e ao som das musicas e foguetes se formarem ali, bailes e desccantes populares é triste mas é verdade!

Mataduços

C.

Necrologia

Faleceu no dia 28 do corrente em Aveiro a Ex.^{ma} Sra. D. Maria Nunes Freire Quaresma, com 78 anos de idade, o seu funeral realisouse em Cacia no dia imediato, laremos relato, no proximo numero.

Realisou-se em Taboeira no domingo p. p. o funeral do septuagenario Sra. João Mathias Coelho, viuvo, que foi muito concorrido. A have do caixão e as toalhas foram entregues a seus sobrinhos Antonio Cardote, Alfredo Nunes da Silva, e Antonio Simões de Pinho. A toda familia enlutada apresentamos os nossos sentidos pezames.

COMBOIOS EM CACIA

Novo horario acoomeçar em 5 de Fevereiro de 1931.

Para o Norte:

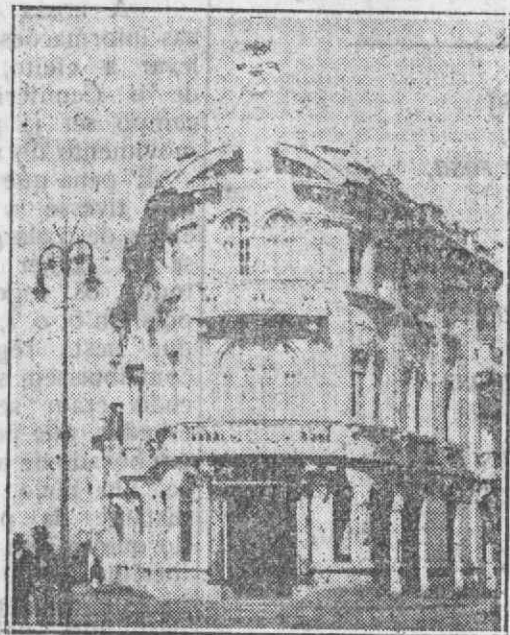
7,18 (Ordinario)
11,09 (Ordinario)
13,18 "
17,15 "
19,45 (Ordinario)
22,54 (Ordinario)

Para o Sul

8,11 (Ordinario)
10,31 "
12,54 (Ordinario)
15,57 "
19,12 (Ordinario)
21,22 (Ordinario)

Hotel Avenida e Restaurante
DE
BRUNO DA ROCHA

Bom serviço, economia e asseio recebem-se hospedes a qualquer hora e comensais.



ARMAZEM DE MERCEARIA E CEREAIS
POR JUNTO
Largo da Estação - Aveiro

Manuel Martins Simões

Fabricante de adobos e fornecedor de calhaus para estradas
CACIA

Vermifugo Laxativo Luzitano

Este medicamento absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, d'um efeito seguro e rapido na expulsão de vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que as reproduzem.

QUERIS UM
BOM CONSELHO?
CALÇAI SÓ DA
"PORTUGAL,"

Cambio

Libra cheque	108030
Libra ouro	108058
Dolar	22\$27 3
Franco Francês	887 5
Pesêta	2\$37 8
Marco	5\$30 0

Restaurant Floresta

Este modesto restaurante tem por devise de bem servir os seus estimados clientes, sendo por isso o que mais barato vende.

"Accio e rigorosa limpesa nos seus quartos"

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos.

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e com especialidade para CALDEIRADA.

"A Ginginha de Lisboa tambem aqui se vende sendo por Ex.º um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a gripe."

JOAQUIM SIMÕES BIRRENTO

LARGO DA ESTAÇÃO AVEIRO

AO PUBLICO

ABEL GONÇALVES, com moagens de milho, proximo do Passo de Nivel de Esgueira, previne por este meio o publico de que já chegaram os aparelhos para o descasque de arroz, estado pois habilitado a descascar qualquer porção, ás segundas e quintas-feiras durante todo o dia.

Perfeição e mocidade de preços

Farmacia Lusitana

ABILIO CARVALHO

CACIA

Productos quimicos e farmaceuticos nacionaes e estrangeiro. Sortido completo em drogas; irregadores, fundas, argalias, aguas minerais, etc. etc.

Manoel R. Barbosa
Cacia Quintã

Fornecedor de madeiras e lenhãs e Pedra de toda a qualidade, taes como esteios, Calliau para estradas etc.

Adóvos, telha e outros artigos tem sempre em deposito

NA GAFANHA E NA QUINTÃ.

Manuel Rodrigues Carvalho

COMERCIANTE

Compra e Vende sucatas de chumbo, metal, assim como muitos outros artigos em pequenas e grandes quantidades

TRAPO DE LÃ, ALGODÃO, ETC.

Estabelecimento: 98 A—Rua Moraes Soares, 98-B—LISBOA

MANOEL CORREIA VIDINHA

Fazendas de lã e algodão—Shaes de merino e sêda—miudezas e louças de todas as qualidades—sapatos de senhora e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da República (em frente ao chariz) ANGEJA

Francisco Augusto d'Oliveira

COM

Estabelecimento de Merceria, Fazendas, Miudezas, Sêmas, Vinhos Finos. Bebidas alcoholicas e todos os artigos pertencentes agricultura

RUA 31 DE JANEIRO CACIA

Agencia funerario

DE

GUILHERME DIAS CAPELA

Em frente a Praça da Republica—Angeja



Grande deposito de urnas de mogno e nogueira americana. Corôas, caixões, chumbo, ce ra, vestidos e mantos para crianças e adultos e de varios preços.

Translações em todos os cemiterios.

Armação de caras, salvas, toalhas e castiçais.

Encarrega-se de tratar de funerais para outras freguesias, sem aumento despeza.

PREÇOS MODICOS

TIPOGRAFIA CACIENSE

Nesta officina executam-se todos os trabalhos tipograficos com a maxima rapidez e perfeição

tais como mapas, facturas, memoranduns, cartões de visita, etc, etc.